

ENTREVISTA COM JIM LEWIS

Marco Aurélio Dias de SOUZA¹
Ariel FINGUERUT²

Jim Lewis foi pastor da *Saint Joseph's Episcopal Church* em Charleston, Virgínia Ocidental e dedicou sua vida à abertura da igreja para as demandas de movimentos sociais e trabalhistas, lutando contra a pobreza, guerras e o militarismo estadunidense, batalhando pelos direitos das minorias e dos trabalhadores das minas no estado. Lewis é uma parte importantíssima da história dos movimentos sociais progressistas nos Estados Unidos, sendo um dos primeiros pastores a abençoar um relacionamento homossexual (ainda durante a década de 1970) e tendo um importante papel nas mobilizações anti-guerra pelo mundo. Sempre presente na maioria das delegações de paz, em uma tentativa de remediar os males que as guerras realizadas pelo seu país causam no mundo, ele se coloca como alguém que luta contra o poder e contra a opressão.

Seu importante papel começou ainda em sua chegada a Virgínia Ocidental, quando ele participou de um dos eventos mais marcantes da história do estado, a *Textbooks Wars* que teve seu início em 1974 e culminou em uma grande batalha social entre conservadores e liberais, por causa da inclusão de livros de autores vindos de minorias no sistema educacional da cidade de Charleston e que terminou em uma série de atentados contra algumas escolas e ônibus escolares por parte de quatro pastores fundamentalistas que se recusavam a aceitar essa inclusão.

Lewis teve um papel significativo durante esses acontecimentos, defendendo a inclusão dos livros na grade escolar, ao mesmo tempo em que, tentou estabelecer um diálogo não radicalizado entre os dois lados da disputa. Essa entrevista foi realizada em abril de 2013 e traz um pouco de sua trajetória.

¹ Doutorando em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - dias_dias_@hotmail.com

² Doutorando em Ciência Política. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Pós-graduação em Ciência Política. Campinas – SP – Brasil. 13083-970 - arielfing@gmail.com

Ariel. Minha primeira questão é mais geral, a respeito da Virgínia Ocidental. Você poderia nos contar um pouco sobre a sua percepção da história do estado em termos de movimentos sociais, assuntos relacionados as minas e aos movimentos trabalhistas no estado. Como você vê a história da Virgínia Ocidental existe alguma particularidade?

Jim Lewis. Rapidamente, a Virgínia Ocidental não era um estado antes da Guerra da Civil, existia apenas a Virgínia no início, então, o mais fascinante da história é como o estado foi criado depois da Guerra Civil, sendo dividido entre pessoas que eram donas de escravos e outra grande parte que não eram donos de escravos, então nós tínhamos um problema com as diferenças aqui, diferenças que eram fascinantes.

Se você olha para o estado, você verá duas partes³: oeste e leste. A parte leste é mais ligada a cultura sulista, mais próxima do que era a Virgínia Ocidental no início, e era repleta de proprietários de escravos, um número imenso de donos de escravos negros, então nós tínhamos essa parte. Na outra parte, quando você desce pelo estado, você tem áreas pobres e as pessoas eram mais preocupadas com a pobreza. Provavelmente, dependendo do que ocorresse um partido socialista teria aqui uma pequena península para lançar um forte candidato e dependendo o que acontecesse em termos de organizações de trabalhadores, eles teriam muita força no estado. Nós temos fascinantes diferenças no estado na parte oeste do estado nós temos pêssegos e maçãs e nesta parte nós temos carvão, indústria de metais. Na parte Oeste nós temos ferro. À leste dos Apalaches, temos enormes quantidades de carvão nas Montanhas Apalaches, em si, temos muitos recursos, o dinheiro semeia aqui, mas também temos muita pobreza, mesmo com estas fontes de recursos, as corporações, as companhias voltadas para a exportação, elas produzem para o estado uma grande pobreza.

O que tivemos aqui na Virgínia Ocidental foi um poderoso movimento trabalhista, muito poderoso, o *United Mine Works of America*, vocês podem querer voltar a falar disso depois, nós estamos no meio de disputas agora, John L. Lewis⁴, sem qualquer parentesco comigo⁵, foi um grande líder trabalhista e estabeleceu uma importante posição de poder dentro do sindicato e entre os mineiros. Existiu um importante pedaço da história, ocorreu um guerra aqui em *Blairmount*⁶, os mineiros se rebelaram contra a companhia e o exército americano veio aqui com metralhadoras e atirou em pessoas. A maioria das pessoas dos

³ Jim utiliza o termo *Panhandle* que significa uma pequena faixa de terra.

⁴ Líder da *United Mine Works of America* de 1920 à 1960.

⁵ O entrevistado brincou apontando para si devido a semelhança com o seu nome.

⁶ A guerra de Blairmount, ocorrida em 1920, é considerada a maior insurreição popular nos EUA desde Guerra da Secessão.

Estados Unidos não sabem dessa história, mas essa história é importante, revela a organização dos trabalhadores contra os interesses do capitalismo desenfreado. Luta dos mineiros na Virgínia Ocidental está amarrada com a resistência aos interesses dos grandes capitalistas pelo carvão que agora está em declínio. Também aqui nesse vale do qual Charleston (a capital da Virgínia Ocidental) faz parte existem empresas químicas, como *Du Pont*, *Monsanto*.

Ariel. Todas grandes corporações.

Jim Lewis. Sim, Du Pont, Monsanto, Bayer, empresa Alemã, empresa terrível. A lista de empresas é imensa. Eu vou parar nesse ponto por enquanto. Nessa região que estamos aqui no centro havia empresas que durante a primeira Guerra Mundial produziam bombas aqui, e na segunda Guerra a mesma coisa, depois da Guerra a Monsanto seguia produzindo no estado outros produtos químicos, também para fins bélicos, eles faziam o Agente Laranja, o mesmo agente que eles espalharam no Vietnã, eles deixaram uma grande herança de poluentes tóxicos aqui. A Virgínia Ocidental foi o estado onde as pessoas foram mais afetadas pelas guerras. Não há estado com mais pessoas servindo na Guerra por metro quadrado que esse estado. Eu conheci e ajudei a divulgar histórias de pessoas que foram muito afetadas pelo Agente Laranja aqui da Virgínia Ocidental, que lutaram no Vietnã que voltaram para casa. Curiosamente eles sofriam contaminação no Vietnã e quando de volta para a casa nas imediações das fabricas que produziam esse produto. Então empresas químicas são imensas aqui, sempre foram muito poderosas. Acho que isso é suficiente para uma pequena parte de toda a história.

Marco. A igreja com a qual você está historicamente relacionado, a *Saint Joseph's Episcopal Church* foi sempre muito aberta a movimentos sociais e movimentos de trabalhadores. Como você enxerga essa tradição na Igreja? Porque ela parece um pouco diferente da maioria das outras igrejas nos Estados Unidos e até mesmo do mundo.

Jim Lewis. Eu era pastor aqui nesta igreja entre 1974 até 1982 e ocorria uma revolução nos Estados Unidos e a congregação me chamou para que eu abrisse a igreja para a comunidade. A igreja deveria evangelizar chegando e se abrindo para toda a comunidade. Então, eu cheguei aqui em 1974 e eles não eram realmente abertos, eles não queriam todas as pessoas e não se importavam com a visão da comunidade e nós nos preocupávamos exatamente com isso e foi isso que fizemos. Por isso que foi muito traumático.

Eu estava aqui antes que a religião e política ganhassem esse rumo tão misturado, antes nós tivemos a *Kanawha County Textbook Wars*. Vocês são familiarizados com isso?

Nós tivemos bombas aqui, como em Boston⁷, nós tivemos bombas em escolas por aqui, ninguém morreu, mas meu Deus! Eu estava profundamente envolvido nesse conflito, nós facilmente reconhecemos o envolvimento da religião, da fé cristã com a política e a cultura. Em muitos momentos durante a *Kanawha County Textbooks War*⁸ as pessoas me convidavam para iniciar uma espécie de movimento como o Tea Party de hoje, mas isso era muito exagerado. As mesmas forças que estavam em guerra eram políticas e religiosas e isso é muito óbvio aqui.

Eu aprendi bastante com isso. Quando a disputa chegou até mim, eu estava muito envolvido com a comunidade estávamos falando de 1977 até o início dos anos 1980 e isso machucava muito, eu sentia isso na carne, por isso eu precisava de uma pausa, esse era o meu trabalho não tinha como não me envolver e eu não conseguia viver aqui. Quando a guerra acabou⁹ eu estava no meu escritório e alguém bateu na minha porta e me disse: “Lembra quando conversamos outro dia, eu gostaria de conversar melhor com você, quando conversamos antes teve um coisa que não disse sobre mim, eu sou gay”. Nesse período ser gay era algo profundamente proibido, algo para ser e fazer as escondidas e ele queria falar comigo sobre isso e meu trabalho era abrir a Igreja, então, eu disse: claro vamos conversar.

Então, esse foi o princípio do profundo envolvimento da *Saint Joseph's Episcopal Church* com questões sociais. Eu continuei profundamente envolvido com a comunidade, nos anos 1970 as pessoas aqui estavam muito preocupadas com movimentos progressistas. Você podia ver as pessoas nas ruas mobilizadas todos os dias em 1976. Tudo isso estava acontecendo com as pessoas e eu estava envolvido levando a igreja aos assuntos capitais e as pessoas estavam muito nervosas com a teologia, querendo a igreja fora das políticas progressistas. Eu sempre busquei a relação entre política e religião não entre Igreja e Estado mas via de regra as pessoas querem a Igreja fora da política.

No envolvimento entre duas pessoas ninguém pergunta sobre religião, se é muçulmano, judeu, cristão, ateu, etc. Quem somos nós? Isso é o que importa? o que mais importa é o engajamento contra o poder e contra a opressão em nossa vidas.

Então sua questão sobre como a *Episcopal Church* estava envolvida em questões sociais. Membros da comunidade da igreja estavam na América Central e eu fui para lá pela

⁷ A semana em que foi realizada essa entrevista foi na mesma semana dos atentados ocorridos na Maratona de Boston.

⁸ Foi uma explosão popular de caráter conservador contra a inserção de livros relacionados a minorias.

⁹ Referindo-se a *Kanawha County Textbook War*.

primeira vez quando a guerra estava ocorrendo e as pessoas estavam na guerra¹⁰. Este foi o início de algumas conexões na América Central para mim, eu fui preso por isso. Lembrem-se que esse foi o período que ocorriam muitas mudanças, era o tempo da Guerra do Vietnã, era o tempo de Nixon, mulheres se mobilizaram, era o início do movimento gay, as coisas estavam mudando, existia uma transformação social que dentro de certas leituras a religião não poderia ficar fora, tínhamos que entrar nessa luta por direitos

Marco. Então, alguns sociólogos enxergam que o caminho da religião está em acomodação ou ortodoxia, por causa da modernidade e suas muitas e rápidas mudanças.

Jim Lewis. São mudanças realmente muito rápidas.

Marco. Você acredita que a sociedade está mais liberal com relação ao que já vimos?

Jim Lewis. A igreja ou a sociedade?

Marco. A sociedade.

Jim Lewis. Na Virgínia Ocidental ou nos Estados Unidos?

Marco. Acho que seria interessante ouvi-lo sobre os dois.

Jim Lewis. Eu preciso confessar primeiro que eu tenho um trabalho bastante tradicional. Eu tive uma profunda e especial ligação com os liberais¹¹ e eu deixei a esquerda, mas eu também tenho uma profunda desconfiança com o conservadorismo. Eu deixei essa tradição patética de caminhar tentando controlar e manipular o poder que está presente tanto na direita quanto na esquerda e acontece tanto com democratas quanto com republicanos. Eu trabalhei duro na campanha de Obama, eu dei dinheiro, eu encorajei pessoas, eu realmente trabalhei duro por Obama. Então, quem quer que esteja no poder, quem quer que esteja em cena, nós temos que estar conectados também. Então, eu era mais liberal, eu abençoei duas relações homossexuais em 1977 e quase fui morto por isso.

Então, olhe o que aconteceu no país e pelo mundo? Pessoas mudam, algumas pessoas dizem que isso é uma mudança progressista. Eu não acredito em história progressiva, mas existem muitas mudanças, e em algumas direções o país vem se tornando mais liberal. O que quero dizer é que, quando eu era criança eu nunca imaginei ver um presidente negro, eu nunca pensei em ver gays e lésbicas casando aqui, eu nunca pensei em ver uma lei que acabasse com a pena de morte. Essa grande quantidade de mudanças indica que a história está seguindo em frente, mas não quer dizer que não tenhamos reações e vitórias conservadoras também. A relação entre poder e religião é sempre complicada. Nós ainda temos muitos problemas

¹⁰ Isso ocorreu antes de Lewis ir para a igreja da Virgínia Ocidental, ainda no início dos anos 1970.

¹¹ Nos EUA o termo liberal é associado aos movimentos de esquerda.

impregnados em nossa estrutura racismo, “sexícismo”, “classismo”, militarismo, tudo segue existindo. Meu Deus militarismo nesse país é como um grande monstro furioso e desagradável que temos que compartilhar com ele o mesmo ar que respiramos.

Minha esposa passou algum tempo fora do país entre um país e outro nós descobrimos o quão profundo é o militarismo, o quanto o capitalismo é expansivo e afeta várias pessoas pelo mundo. Minhas viagens para muitos lugares me trouxeram muitas questões sobre isso. Eu tinha que apreender sobre isso. Por três anos eu apreendi sobre o que ocorreu no Vietnã, eu me importo com o tema do Vietnã porque muitas pessoas não sabem o que aconteceu lá. Sobre o Afeganistão e o Iraque, eu acho importante contar o que eu sei e o que eu vi e quando eu falo alguém pode apreender a respeito e quem sabe isso fará a diferença. Então, eu estive três anos em Okinawa, estive nas Filipinas e na costa do Vietnã e constantemente me perguntava do que isso se trata?

Depois de várias viagens sempre que eu voltava eu ficava pensando na relação entre as guerras e o papel que a igreja tradicional pode ter. Eu perguntava porque a igreja não impede as guerras? Na minha opinião eles estão engajados mas não o suficiente.

Ariel. Sobre o tema do militarismo e a relação entre os Estados Unidos e o poder militar, esse tema é também bastante interessante. Na sua opinião qual será o custo para os Estados Unidos dessa relação? A confiança no poder militar é cada vez mais importante para sustentar os Estados Unidos como uma nação e uma superpotência capitalista no mundo. Na sua opinião qual será o custo? Qual é a consequência dessa relação para os Estados Unidos?

Jim Lewis. O custo do militarismo é enorme. É algo tão visível para mim, está em todos os lugares. Minhas viagens me levaram para lugares que foram lugares de guerra para os Estados Unidos. Eu estive na América central, Nicarágua, El Salvador, Guatemala, países em guerra, você podia ver nas fronteiras da Nicarágua a intimidante presença de helicópteros americanos. Vocês devem conhecer a história dos países em guerra na América Central?

Ariel. Anos Reagan?

Jim Lewis. Sim, os anos Reagan. O que nós estávamos fazendo? Nós estávamos investindo em aviões na nossa base aérea nacional, nós não temos bases militares na Virgínia Ocidental apenas uma grande guarda nacional, e estávamos enviando eles para Palmerola, uma base americana em Honduras. Enquanto eu estava falando com as pessoas eu via aviões, e eu sabia o que eles estavam indo fazer, eles estavam indo matar alguém. Eu conheci Vides Casanova em El Salvador, o nome é conhecido por vocês? Casanova era o chefe militar em El Salvador, ele era responsável por matar, responsável por uma porção de mortes e por pessoas

desaparecidas. Eu encontrei com ele e com um grupo de pessoas e disse, o que era preciso para que o dinheiro americano parasse de ser utilizado ali para matar pessoas, o que isso significava? Ele disse que não havia nada para se fazer. Quantos marines foram enviados? Isso é um bom negócio, quem não gosta de dinheiro? Esse é um microcosmo de uma grande cena, agora isso está se tornando pior. Agora o militarismo vem tomando diferentes formas, o dinheiro levou as pessoas para o Afeganistão, espere um minuto, onde eles estão indo? Eles vão para a Ásia para o Oriente Médio, quem está lutando a guerra agora? A CIA? Trabalhadores pagos? Corporações pagas?

Então é difícil ver isso agora, estamos indo para além do dinheiro. Então o militarismo é um monstro que não sabemos onde começa e onde termina. Agora com as questões de segurança nacional e tudo que envolve isso, o que importa? Eu estive no Iraque antes da Guerra do Golfo, talvez ajude a vocês saberem, eu estive em Cuba em 1989 quando o muro caiu e quando o dinheiro da Rússia não estava indo mais para lá e eu estive em Angola no tempo de Santos também quando o dinheiro não estava mais indo para lá. Eu fui para o Iraque após a Guerra do Golfo em uma delegação de paz, eu fui em uma delegação de paz para a Líbia, eu estive envolvido nas questões da Palestina com Israel. Eu também estive em Balata na Faixa de Gaza, vocês já estiveram lá?

Ariel. Não.

Jim Lewis. Balata é um campo de refugiados em Nablus, eu estive em Jabalia em Gaza logo depois da primeira intifada explodiu, apenas três ou quatro meses depois, eu fiz parte de uma delegação na Tunísia, então eu estava envolvido lá, e os EUA estavam envolvidos lá. Sempre surgem notícias que os EUA financiam e injetam dinheiro para que Israel, continue como uma potência militar no Oriente Médio. Então nós estamos envolvidos em questões militares por todo o mundo, e este é o custo do militarismo, porque nós somos um império em conflito para manter o poder pelo mundo. E agora nós temos muitos dilemas: Devemos financiar tropas na Síria agora? Nós devemos fazer na Síria o que fizemos no Afeganistão? Isso é tão complicado, cada lugar onde nós vamos, nós precisamos de mais dinheiro e militares, tudo isso gera muitos efeitos colaterais indesejados e pior que cada vez escapam mais do nosso controle, é isso o que está acontecendo.

Ariel. Os inimigos mudam todos dias.

Jim Lewis. Todos os dias, lembre do Iraque, na segunda Guerra do Golfo, Saddam fez um grande número de reféns. Meu país disse que nós não poderíamos ir em uma delegação pelo risco de se tornar reféns então nós fomos e o que encontramos lá, nós ficamos duas

noites com eles, eles, os supostos reféns, hostilizavam a administração Bush. Quem era o verdadeiro inimigo Saddam ou Bush?

Marco. Você pode falar um pouco sobre o *West Virginia Patriotic for Peace*?

Jim Lewis. Sim. Eu voltei aqui porque eu amo este estado. Eu servi aqui e servi também em Michigan e Oklahoma e em uma península próxima a Baltimore, e eu estava trabalhando com a igreja em um ministério social, trabalhando com temas sociais com a comunidade e um grande tema era os trabalhadores das minas, porque eu tinha bastante experiência e era um trabalho bastante duro, a maioria dos trabalhadores eram latinos, a maioria deles veio da Guatemala e do México. Eu tinha feito o trabalho por 7 anos e eu estava aposentado e eu voltei para cá após o 9/11 e vi que nós iríamos entrar em guerra, novamente em guerra. Então eu comecei a organizar muitas pessoas aqui na Virgínia Ocidental, no começo um grupo de 12 pessoas e depois chegamos a 80 e agora temos 15 mil por todo o estado, para dizer não para a Guerra, nossa ideia é simplesmente dizer: “não façam isso”.

Nós sabemos que é muito difícil mudar algumas pessoas. E é muito difícil enfrentar o lobby militar mas, o governador daqui nos apoiou e agora temos o apoio de alguns senadores em Washington na tentativa de que eles entendam que o Afeganistão foi um erro. Nós mantemos um muro aqui todos dias e nós colocamos os nomes dos americanos mortos no Iraque, assim como, fotos que mostram todos os iraquianos sendo mortos. O trabalho maior aqui é tentar mudar as atitudes das pessoas e isso é muito difícil. Nós estamos esperando que algumas atitudes mudem.

Marco. Nós gostaríamos de falar um pouco mais sobre temas sociais, como os assuntos relacionados aos trabalhadores.

Jim Lewis. Bom, grande parte do meu trabalho através dos anos foi construir uma ponte entre o abismo que existe entre a religião e os trabalhadores. Meu trabalho era levar as demandas dos trabalhadores para dentro da Igreja, através de conversas para que entendessem os movimentos trabalhistas. Esse trabalho fizemos não só aqui mas em Delaware, Maryland e em Omaha, entre outros. Eu tenho uma longa história de trabalho nesse sentido aqui na Virgínia Ocidental eu sempre foquei minha atenção na comunidade especialmente nos trabalhadores. Nós tivemos uma marcha aqui com pessoas de todo os lugares, Tennessee, Ohio, Pensilvânia, Virgínia, Virgínia Ocidental, com a participação de mineiros e outras categorias de trabalhadores¹².

¹² A marcha ocorreu após 6 mineiros morrerem em acidentes separados entre janeiro e fevereiro de 2013.

A relação entre mineiros e as empresas é historicamente complicada, existem muitas questões no movimento, da manutenção dos empregos até questões mais amplas. Eu estou envolvido nessas lutas, o trabalho dos mineiros está em declínio, os seus sindicatos também. Eu vi esse declínio começar, os trabalhadores não podem participar como antes e existem imensas companhias que sempre tiveram a participação de grande sindicatos, e nós vimos poderosas organizações de trabalhadores nas décadas de 30, 40 e 50, mas agora, elas estão em queda. Então o poder dos sindicatos de organizar as pessoas está realmente em conflito e a igreja está nesse dilema. Igrejas mudam as pessoas, toda a segunda-feira temos um grande reunião em Saint Louis tentando discutir e resolver esses temas. Precisamos resgatar essa tradição da Virgínia Ocidental de organizar manifestações não violentas.

Ariel. Eles costumavam ser mais violentos nos ativismos.

Jim Lewis. Sim costumavam ser anos atrás, muitas pessoas falavam em mineiros em um contexto de guerras nas minas. Eles lutavam em um contexto que era todo violento. O ambiente de era violento, o ambiente de trabalho era violento, as condições de trabalho eram violentas.

Ariel. Bom, outro tema que vem sendo muito presente em nossa conversa com os conservadores e conservadores religiosos é o *homeschooling*, eles normalmente falam sobre o direito de ter a liberdade para ensinar crianças, os pais poderiam ter esse direito de ensinar suas crianças, mas nós também vimos algumas distorções muito grandes que as pessoas tem feito em *homeschooling* em assuntos sexuais, assuntos culturais. Eles estão sendo educados para viver dentro de uma utopia cristã, um mundo ideal, mas nós também vemos que conservadores não estão lutando muito na área pública, mas tentando ter o direito para um ambiente privado. Como você vê essa estratégia, e qual é a sua percepção do *homeschooling*?

Jim Lewis. *Homeschooling* é um direito aqui nos Estados Unidos. Eu posso dizer que se alguém for habilitado a ensinar em casa é um direito que essa pessoa tem. Eu entendo um pouco sobre a rebelião dos conservadores contra o ensino fornecido pelo Estado, os problemas da escola pública não são poucos. A educação pública aqui tem uma boa história em torno dos direitos civil desde 1950. Nós lutamos para não haver mais escolas separadas e a segregação racial, lutamos pela integração. Nós tivemos um grande movimento em favor das escolas privadas no país, isso foi uma reação a integração entre brancos e negros que nós dos movimentos civis estávamos conquistando. Eu não estou dizendo que as escolas privadas tem meramente um recorte na questão racial, ou que a escola pública era melhor separada, mas a educação pública começou a ser atacada nesse país, é incrível e tão frustrante porque o que

parece é que não podemos ter boa educação para todas as crianças. Então, existe *homeschooling*, não são todos que podem fazer isso, nós realmente precisamos ter mais preocupação com a educação pública agora. Eu penso que Obama está tentando fazer isso, que esse é um problema que temos agora, George W. Bush fez coisas terríveis em termos de educação com o *No Child Left Behind*¹³.

Ariel. Talvez uma estratégia seja ver o *homeschooling* em termos de conteúdo e tentar nivelar eles?

Jim Lewis. Sim, nós temos uma escola em Hacker Valley no norte, eu visitei eles, boa escola, pessoas que se importam com as crianças. Nós trouxemos uma criança vinda de fora, de um país latino, e eles mudaram a grade, eles trabalharam por aquela criança, eles ajudaram aquela criança, existem países que evitaram trazer essa criança para nossa comunidade. Eles que me desculpem, mas nós vimos as disciplinas daquela criança, nós não estamos preocupados com isso, nós sabemos a realidade deixada pelo *No Child Left Behind*. Então, particularmente quando eu estava trabalhando em Georgetown 20 anos atrás, quase não existiam latinos, quando eu deixei o trabalho 50% da população de Georgetown era latina da Guatemala, do México, as coisas estavam mudando. E como congregamos todas as pessoas de lá e manter o Sistema educacional e levar o homem ao trabalho? A administração propôs esse *Dream Act*. Então, eu posso dizer que o problema é o *homeschooling* mas a base da sociedade deveria ser educação pública para todo mundo. Isso inclui também os imigrantes, com papeis ou sem papeis. Eu me recuso a chamar alguém de ilegal.

Ariel. Eu acho profundamente terrível quando usam o termo *Alien* por exemplo, para designar os imigrantes.

Jim Lewis. Como se eles viessem do espaço?¹⁴

Ariel. Sim.

Jim Lewis. Pois é há muita ignorância e medo. A vida do imigrante muda radicalmente, então o trabalho que eu fiz lá em Hacker Valley, nós temos clínicas, nós damos ajuda jurídica, nós temos um centro cultural, ensinamos o Inglês necessário para essas pessoas serem capazes de saber nossa história, de onde eles vieram, como lidar com as coisas por aqui, etc. Vocês sabem o racismo, toda essa bobagem cultural que temos por aqui. Eu realmente preciso dizer que na minha sensibilidade cristã tento entender mas eu mesmo não me entendo. Porque é tão difícil lidar com as diferenças? Eu tento fazer com que as pessoas

¹³ Nenhuma criança deixada para trás.

¹⁴ Rindo.

falem umas com as outras através das diferenças. Nos EUA há todo tipo de pessoas, há aqueles que sequer saem de suas casas e a outros que são abertos a conhecer outras culturas. Esses que viajam as vezes quando voltam para casa dizendo que existem pessoas vivendo de modo assustador. Como eles podem saber? E sobre educação, o que está acontecendo nesse país? Há preconceitos históricos contra os negros e agora contra os latinos. Quando falamos de “latinos” pode ser uma armadilha eu descobri recentemente que há divisões e diferenças entre as pessoas que quem vem, por exemplo, do México ou da Guatemala. E eu me pergunto sério? Nós tentamos fazer as pessoas apreenderem a cruzar as suas linhas e lidar com as suas diferenças. Eu tenho contatos com muitas pessoas que são conservadoras em suas visões de mundo. As vezes parece que estamos em mundos tão distantes e diferentes que eu temo pela violência, eu temo que nos movemos a ser cada vez mais violentos.

Ariel. Mas como você enxerga ou como você sente essa percepção dos conservadores? Seus amigos conservadores o que você entende que eles pensam que você?

Jim Lewis. Pessoas como eu? Isso é interessante! Eu vou dar para vocês uma história da *Textbook Wars*, um dos homens que foram para a prisão por conspirar colocando bombas nas escolas, um dos pastores presos era conhecido meu. Ele não teve a educação que eu tive, uma educação formal, ele não teve uma experiência plural, ele tinha sentimentos frios, ele era um trabalhador e também um pastor. E teve um momento em que as pessoas queriam que eu fosse para a região onde ele vivia, para termos uma reunião e falarmos, assim quem sabe pacificarmos a situação. Eu disse que iria e eu liguei para ele e perguntei: Eu devo ir até aí? E ele respondeu: “Isso pode ser muito perigoso”. Eu sei como as pessoas são, mas deixar as coisas como estavam não ia ajudar em nada, então eu fui. Depois, chegando lá, tinha uma multidão que protestava contra a prisão do pastor que eu iria conversar. Mas eu visitei ele no hospital e percebi que embora estivéssemos em lados ideológicos opostos existia uma relação, eu fui visitá-lo na prisão, e eu fui no tribunal diante do júri, e disse: “Eu sei que ele é culpado, eu espero que sejamos capazes de trabalhar juntos uns com os outros nessa comunidade”.

É incrível como as pessoas são dinâmicas ao meu redor. Eu vejo pessoas mudando o tempo todo. Nesse caso, eu e esse pastor, nos tornamos amigos. Então, o ponto aqui é, nós sempre somos capazes de chegar a uma reconciliação, nós podemos trabalhar junto, nós podemos conversar. Algumas pessoas, sentem ódio, talvez não contra mim exatamente, mas pelo que eu represento, mas é incrível ver o que acontece com as pessoas, como elas podem mudar, Eu mudei, eu aprendi. Eu vejo as mudanças pelo mundo, a maioria das pessoas aqui pensa que o que eu conto do Iraque é um engano, pensam como um engano ir para o

Afeganistão, mas sobretudo enxergam o Iraque e o Afeganistão como uma realidade distante que pouco ou nada tem relação com a sua vida cotidiana. Eu me preocupo com o Iraque, com o Afeganistão e com o que os Estados Unidos fazem em outras regiões do mundo, eu espero por um mundo não violento, mas o inimigo somos nós. Então, por isso, nós temos que continuar trabalhando para essa mudança. As pessoas muitas vezes reagem me classificando como um sonhador? Elas me perguntam se não sou apenas um otimista? Não me vejo como um otimista sonhador, eu sou esperançoso tenho esperança que nós podemos trabalhar para acabar com o racismo o militarismo, ou ao menos mostrar para as pessoas que o racismo e o militarismo não são o caminho. Eu quero minhas crianças e netos crescendo em um mundo sem racismo e sem militarismo